

“MORADORES DE RUA DEVEM SER OUVIDOS”

Especialistas defendem tratamento diferente para cada caso, sem solução única

▀ **KATILAINE CHAGAS**
kchagas@redgazeta.com.br

Vistos por muitos como um incômodo para o bem-estar de cada bairro, moradores em situação de rua, assim como qualquer cidadão, têm suas próprias histórias, famílias e necessidades. É nessa identificação individual que quem milita na área ou estuda questões sociais aposta como a solução fundamental para dar um rumo digno a quem hoje não tem um lar.

“Creio que se houver uma identificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre essa população, o governo vai saber onde mexer. Quando eu traço o perfil do morador, eu tenho o histórico dele. Nas

OMISSÃO



“Cada município não pode omitir a quantidade real de moradores de rua. Quando se omite, os governos estadual e federal não sabem como e onde investir”

CARLOS SOUZA PEREIRA MILITANTE

abordagens, só perguntam o nome. Vira um número a mais”, diz Carlos Roberto Souza Pereira, militante do Movimento Nacional da População em Situação de Rua.

Ele não diz isso apenas pela militância, mas por experiência própria também. Ele foi morador de rua por 15 anos, após perder os pais e a casa onde morava. Viveu em praças, fazia a higiene pessoal em terminais e passava o tempo em bibliotecas.

Deixou as ruas após ficar conhecido no Estado por socorrer uma pessoa ferida durante uma ação do Batalhão de Missões Especiais (BME), que agora é uma companhia.

“A esposa de um empresário viu a história e ele



ofereceu um emprego para mim, casa e prometeu pagar meus estudos”, relata Carlos.

No caso de Carlos, o que lhe faltava era a oportunidade de emprego. Para outros tantos, as demandas podem ser diferentes.

“Tem que escutar o que cada um quer, estabelecer um projeto para cada pessoa. Não pode existir uma saída única. Para um grupo, um albergue vai ser ótimo, para outros, uma cooperativa vai ajudar. O principal seria ver trabalhos, tratar dependência”, confirma o professor de Sociologia João Clemente de Souza Neto, da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Essas são algumas ações que poderiam conter o aumento da população de

PROJETO



“Tem que escutar o que cada um quer, definir um projeto para cada pessoa. Não pode existir uma saída única”

JOÃO CLEMENTE DE SOUZA NETO
PROF. DE SOCIOLOGIA DA MACKENZIE

rua, como foi mostrado em reportagem de A GAZETA de ontem. Só em Vila Velha, o salto foi de 77 para 198 de fevereiro a março.

HIGIENIZAÇÃO

O professor João Clemente criticou o que chamou de “higienização”, a retirada forçada de moradores de rua de um local. “Você tira as pessoas de um lugar e joga no outro. Essas coisas não dão certo.”

Ele aponta a necessidade de cuidado e cautela ao adotar a compra de passagens para moradores de rua que, em tese, seriam para que retornassem às suas cidades.

“Quem (prefeituras) tem dinheiro joga num ônibus e manda para outra cidade. E às vezes não



Ao relento
Mulher dorme com lençol e travesseiro embaixo da Terceira Ponte, em Vila Velha
FOTO: Fernando Madeira

Pouco avanço na parceria entre as prefeituras

VITOR JUBINI

Administrações se reúnem para discutir estratégias, mas ainda não há ações conjuntas

Unir forças para acabar com as cracolândias, uma das realidades de quem vive em situação de rua, era a meta de candidatos a prefeito na Grande Vitória em 2016. Passadas as eleições, os municípios da Região Metropolitana já se reúnem para discutir soluções e compartilhar estratégias para moradores de rua, usuários ou não de drogas. Mas, por enquanto, as ações conjuntas estão no campo das ideias.

A secretária de Ação Social da Serra, Elcimara Rangel, relata que os municípios se reúnem uma vez por mês no Ministério Público do Espírito Santo (MPES) para debater as ações. Entre os temas, ela cita as questões de saúde, capacitação, encaminhamento para o trabalho e acolhimento do migrante que deseja retornar para o seu local de origem.

A secretária de Assistência Social de Vitória, Iohana Kroeling, confirma as reuniões, só difere quanto à periodicidade delas.

“São reuniões bimestrais para discutir estratégias. Cada município coloca sua proposta em prática. Só que Vitória está além disso”, diz a secretária de Vitória, ao afirmar que a Capital possui políticas de assistência a moradores de rua mais avançadas.

“Em quatro anos, reduzimos em 65% a população de rua. Conseguimos rein-



Morador de rua descansa em calçada no bairro Jardim da Penha, Vitória

FERNANDO MADEIRA



Embaixo da Terceira Ponte, homem se abriga

mandam para o lugar de origem, mandam para qualquer lugar”, explica João Clemente.

“Tem que ajudar a recriar laços, a recomençar. É igualzinho a qualquer pessoa. Como você vai se realizar se outra pessoa faz as escolhas por você?”, questiona o professor.

NÚMEROS

O militante Carlos Roberto cita também a necessidade do rigor na contagem de pessoas em situação de rua. “Cada município não pode omitir a quantidade real de moradores de rua. Porque, quando se omite, o governo estadual e o governo federal não sabem como e onde investir, não sabem a quantia a ser repassada”, defende Carlos.

DADOS

MORADORES DE RUA

▼ Vitória

De janeiro a março deste ano, 233 pessoas moravam nas ruas. Nos 12 meses do ano passado, havia 209.

▼ Vila Velha

A população de rua saltou de 77 pessoas atendidas em fevereiro para 198 em março.

▼ Serra

Em 2015, eram 359 pessoas em situação de rua. Em 2016, passou para 397. O número deste ano ainda não foi levantado, segundo a prefeitura.

▼ Cariacica

O serviço de abordagem atendeu 222 pessoas em 2015, 351 em 2016, e 127 até abril de 2017.

AVANÇO

“Em quatro anos, reduzimos em 65% a população de rua. Conseguimos reinserir graças ao ‘Escola da Vida’ e ao ‘Onde Anda Você?’”

IOHANA KROELING
SECRETÁRIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE VITÓRIA

ser graças ao ‘Escola da Vida’ e ao ‘Onde Anda Você?’”, exemplifica Iohana.

O “Escola da Vida” é um programa que proporciona assistência social, trabalho e empoderamento do cidadão em situação de rua, com oficinas, equipe psicossocial, capacitação e reinserção no mercado de trabalho. E “Onde Anda Você?” proporciona passagens de retorno para suas origens. “Todas as ofertas

são feitas. E eles têm livre-arbítrio”, diz Iohana.

A secretária Elcimara Rangel, da Serra, cita que na cidade são feitas abordagens sociais e que cada morador é atendido individualmente. “Temos uma equipe de técnicos que encaminha para o Centro Pop (Centro Especializado para População em Situação de Rua), que faz os encaminhamentos. Temos abrigo e albergue. Identificamos as demandas de cada.”

Cariacica respondeu, por nota, que o trabalho de abordagem de rua é diário e eles são encaminhados de acordo com suas demandas, inclusive reintegração familiar, e para abrigamento.

Em matéria publicada ontem, em AGAZETA, a Prefeitura de Vila Velha informou que equipes multidisciplinares, formadas por assistentes sociais, psicólogos e motoristas fazem as abordagens e atendimentos.